

JOAQUINA BONFIM

E O SONHO DE VIVER DO ESPORTE

"...enquanto o jiu-jitsu me veste, o boxe me alimenta e o judô banca os estudos que garantirão um futuro mais estável..."

SECRET POINT

ENTENDA O PORQUÊ DE TANTO MISTÉRIO

MOTOCICLISMO

DIVIRTA-SE DURANTE O PERCURSO

BLITZ SESSION

SÃO LOURENÇO DA MATA

SETE IMPORTANTES

LIÇÕES SOBRE

PATROCÍNIO ESPORTIVO

JIU-JITSU, JUDO E BOXE

A LUTA DE JOAQUINA BONFIM PARA CONSEGUIR VIVER DO ESPORTE

Texto: Walter Ramos

Se você é um observador atento, há grandes chances de já ter se deparado com a imagem dessa moça cruzando a cidade na sua caloi 10. O fato de Joaquina Bonfim não ser exatamente a fotografa fiel do estereótipo de atleta que ocupa nosso inconsciente coletivo, provavelmente não tenha lhe permitido desconfiar que se trate de alguém que vive única e exclusivamente do esporte. Enquanto o jiu-jitsu lhe veste, o boxe lhe alimenta e o judô paga os estudos que lhe renderão um futuro mais estável. Conheça agora um pouco da história, dores e planos dessa guerreira.

A equipe da Session deu um pulinho até a MXA para acompanhar duas das muitas sessões de treinos diários que fazem parte dessa rotina da atleta. Após três horas de socos, arremessos e chaves de braço, desligamos nossas máquinas fotográficas e começamos a gravar o áudio que deu origem ao texto a seguir.

Descobrimos que não é de hoje que a vida de Joaquina encontra batalhas e desafios pela frente. Nascida numa família cujo histórico remonta a prática de diversos esportes, essa filha de um ex-jogador de futebol do Santa Cruz e de uma entusiasta do volei, recorda dos inúmeros "peneiros" dos quais participou nos principais clubes de Recife, sempre com a presença de sua mãe, a quem perdeu precocemente no final da adolescência.

O JIU-JITSU COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO

Perder a mãe fez com que a garota passasse a beber todas as noites. "Passei a me desentocar com meu pai por que virava a noite bebendo e os horários não batiam mais. Quando ele chegava do trabalho, eu já estava de saída e, quando eu voltava, ele já estava calando do trabalho novamente. Foram três anos nessa pisadinha, até que uma amiga finalmente me convenceu a entrar num tatame pela primeira vez". Terciana Pereira, que era a atleta de jiu-jitsu mais graduada do estado em 2004, já vinha insistindo, havia algum tempo, na ideia de apresentá-la ao esporte, mas Joaquina sempre dava um jeito de se esquivar. "Eu fui pega de surpresa. Estava me preparando para almoçar quando a Terceira ligou e disse que estava estacionada na frente da minha casa com um quimono para mim. Ainda tentei arranjar alguma desculpa, mas ela realmente estava decidida a me resgatar".

Três anos sem atividade física haviam deixado Joaquina 30 quilos mais pesada, mas nada conseguiram fazer a sua personalidade competitiva. "Terciana me levou para o treino da Universidade Federal que rola exatamente ao meio dia. Fora o calor, calhou de eu chegar num período de pré-competição. Na época a galera estava se preparando para Copa Voador e o clima era de pressão total. Acho que foi exatamente isso que fez com que me sentisse em casa".

O tamanho e a disposição da garota chamaram a atenção do treinador e dos companheiros de treino, mas não foi nada comparado à admiração geral que tomou conta do tatame, quando no treino seguinte ela chegou com um caderninho, contendo anotações e desenhos sobre tudo que aprendera na aula anterior. "No meu primeiro dia de treino, o professor falou algo sobre programação neurolinguística, justificando o fato de parar de falar faltando uma palavra

para terminar a frase e esperar que a gente completasse a sentença. Isso, às vezes dava um tom infantil a didática e, terminava fazendo com que algumas pessoas ficassem constrangidas e não interagissem nesse momento. Ele disse que não se tratava apenas de um artifício para verificar com a gente e quem não estava atento durante a aula, e sim, uma forma de ativar outro canal de fixação do conhecimento. Foi aí que eu pensei, 'se falar ajuda a fixar, imagina escrever'".

Em pouco tempo a rotina de Joaquina havia mudado completamente. Apesar dos treinos só terem início ao meio dia, ela fazia parte de uma turma que chegava à Federal por volta das 10 horas da manhã para conversar sobre jiu-jitsu. Às duas horas, quando o treino terminava e todo mundo entrava nas salas para assistir aula ou ia embora trabalhar, essa galera se reunia no gramado do lagoinho e passava o resto do dia jogando conversa fora e estudando o tal caderninho de anotações. "A gente fazia uma cotinha para comprar açaí, sentava na grama e só saía de lá quando o sol começava a se esconder. Depois eu ia para casa e jantava enquanto fazia as anotações no caderninho. Com certeza, foi essa 'secura' toda que acelerou meu processo de aprendizagem. Não era apenas uma questão de gostar de treinar, minha vida estava precisando daquilo.

"O resultado do comprometimento da atleta começou a dar frutos já nas primeiras competições e fez com que ela recebesse a faixa-azul com apenas nove meses de treino, algo extremamente raro dentro do jiu-jitsu. "A verdade é que eu sempre gostei de competir. No início era mais uma questão de testar se o que fazíamos na academia realmente funcionaria numa situação real de combate. Mas, quando a Shirley, uma das minhas companheiras de treino, foi campeã mundial, botei esse título como um dos

meus objetivos de vida e comecei a treinar em função disso. O problema é que, a essa altura do campeonato, minha família já vinha dando sérios sinais de insatisfação com o fato do esporte não me dar nenhum retorno financeiro e, não demorou muito para eu ter que arrumar um emprego".

"Comecei a trabalhar na Cissex, uma empresa carioca de empréstimo consignado, em 2005, poucos meses depois de receber a faixa-azul. Como a vaga de trabalho era em Garanhuns e a carga horária só permitia que eu treinasse à noite, meu rendimento dentro do tatame diminuiu bastante durante esse período. Acho que foi essa sensação de declínio o que mais me motivou a pedir que o dono da empresa patrocinasse meu primeiro mundial. Lembro-me de pensar algo do tipo, 'se não for agora, não vai ser nunca mais' quando o doutor Mário Peixoto passou por mim no salão do hotel onde estávamos para assistir a uma dessas palestras motivacionais de treinamento obrigatório. Eu nunca o tinha visto pessoalmente, mas segurei o braço dele e disparei: 'meu nome é Joaquina Bonfim e estou precisando de patrocínio para o mundial de jiu-jitsu no Rio de Janeiro'. Ele olhou para mim por alguns segundos e depois disse: 'está feito'. Na hora, eu nem acreditei".

O acordo era que a empresa pagaria as passagens aéreas, o hotel e depositaria algum dinheiro para transporte e alimentação. Mas, até o momento do embarque o pessoal do marketing ainda não tinha efetuado o depósito. O fato de Joaquina só ter sete reais no bolso e dias antes ter sofrido uma séria lesão no joelho, quase fizeram com que ela desistisse da viagem. Mas como o hotel estava pago e ela ainda não conhecia o Rio de Janeiro, resolveu embarcar sem maiores pretensões.

QUANDO DECIDIU VIVER DO ESPORTE

"Foi a postura profissional de Mário Peixoto em relação ao meu patrocínio o que me fez decidir viver do esporte. Eu cheguei ao Rio sem a grana do táxi e extremamente longe da pousada que haviam reservado para mim. Mas por algum motivo, ao invés de ficar desesperada, entreguei na mão de Deus, subi no primeiro ônibus que encontrei e contei a história toda para o motorista. Coincidência ou não, o cara conhecia o prédio da Cissex e resolveu desviar da rota só para me deixar na porta da empresa. Eu subi e me apresentei. A recepcionista entrou numa sala de reunião e em seguida voltou acompanhada do próprio Mário Peixoto e mais um monte de executivos. Depois de me abraçar como se me conhecesse há anos, o dono da Cissex falou que a desatenção da equipe de marketing seria reparada e em seguida me deu um cartão com mil reais para alimentação durante a semana. Ele ainda deixou um carro com motorista à minha disposição e me colocou no hotel mais próximo da competição, onde só a nota do jiu-jitsu estava hospedada. E só para completar a pressão, antes de se despedir, avisou que todo aquele pessoal que estava na sala de recepção, inclusive ele, iria para o estádio torcer por mim".

No dia da competição, Joaquina chegou ao ginásio escoltada por dois fotógrafos profissionais contratados pela Cissex para registrar cada movimento que a atleta fizesse, o que deixou os competidores curiosos a respeito de sua identidade e, ao mesmo tempo, levantou a moral. A despeito das fortes dores no joelho, ela venceu todas as lutas e terminou o dia de posse do seu primeiro título mundial.

"Na manhã seguinte, o motorista me pegou no hotel e me levou para o auditório onde estava em andamento uma daquelas palestras motivacionais de Mário Peixoto. Só que eu não fazia a menor ideia de que dessa vez eu seria usada como exemplo de determinação. Assim que cheguei ao local, pediram para que subisse e permanecesse no palco enquanto ele contava toda minha história para as mais de três mil pessoas que estavam presentes. Depois, Mário me entregou um computador novinho como prêmio e me deu os parabéns pela conquista. Foi naquele momento que decidi: independente das dificuldades que encontrasse pela frente, eu daria um jeito de conseguir viver do esporte".

O BOXE

Contra a vontade da família, Joaquina pediu demissão do emprego, voltou para Recife e para a sua velha rotina de treinos. Apesar de continuar destacando-se nas competições e de conquistar vários outros títulos importantes, a atleta não conseguiu outros patrocínios e, à medida que foi graduando-se, enxergou nas aulas de jiu-jitsu uma possível ferramenta de sobrevivência. Mas, nem mesmo o fato de ser a primeira e única faixa-preta feminina do estado, compensou a concorrência existente no setor. "Mesmo com essa popularidade toda das lutas, graças ao fenômeno do UFC, a quantidade de profissionais no mercado fez com que a coisa ficasse muito concorrida. Hoje, para viver de ministar lutas, é essencial ter um curso de educação física. Quem sustenta o professor é o público da 'luta executiva', que é um público extremamente exigente, pois busca no esporte qualidade de vida e não quer, de forma alguma, arriscar-se na mão de 'aventureiros'. O título universitário é o que dá credibilidade ao conhecimento adquirido pelo instrutor durante anos de envolvimento com a modalidade. Como eu não tinha tempo, muito menos grana para começar a estudar àquela altura do campeonato, pensei seriamente em desistir e voltar a procurar emprego".

Foi em 2011, durante a preparação do atleta Thiago Bui para um evento de MMA, que Joaquina Bonfim calçou as luvas pela primeira vez. Ela estava ali apenas com a função de afiar o jiu-jitsu do atleta, mas quando o treino de luta de solo terminou, e o treinador Jayme Moraes soube que o sparring de boxe de Joaquina não chegaria, pediu à Joaquina que subisse no ringue apenas para oferecer alguma movimentação ao atleta. Mas Jayme ficou impressionado com a habilidade natural que Joaquina demonstrou. "Quando eu desci ele disse que eu levava muito jeito para a coisa e me falou da possibilidade de conseguir uma bolsa atleta através do boxe. Disse que na minha categoria de peso só havia duas garotas devidamente federadas, o que queria dizer que mesmo que eu perdesse para as duas, receberia a bolsa integral. Eu topei na hora e, um mês depois já estava em São Paulo treinando com a equipe da seleção brasileira. Perdi já na minha luta de estreia na Olimpíada Matutina (SP), mas como não fiz feio, me qualifiquei para o Campeonato Brasileiro de Boxe da edição anterior e conquistei a tão sonhada bolsa atleta". ➔

O JUDÔ

Apesar de não pretender aposentar o quimono e as luvas tão cedo, Joaquina sabe que a vida de atleta tem prazo de validade e resolveu aproveitar a estabilidade proveniente da bolsa atleta para providenciar um curso de graduação em educação física. Embora não precise mais se preocupar em trabalhar para pagar as contas, a bolsa de 925 reais mensais não é o suficiente para arcar com os custos de uma faculdade particular. Como as instituições de ensino pernambucanas ainda não oferecem bolsas, nem para atletas de jiu-jitsu, nem para atletas de boxe, ela resolveu aproveitar a experiência com as técnicas de projeção do jiu-jitsu para tentar a bolsa através do judô.

Menos de seis meses depois de entrar para o time de judô da FASNE, onde conseguiu uma bolsa integral no curso de educação física, Joaquina sagrou-se campeã nos Jogos Universitários do Pernambuco e ajudou a equipe salesiana a ficar com o 2º lugar geral da competição.

Além da oportunidade de estudar, o vínculo com a FASNE permitiu que Joaquina pudesse treinar sob os cuidados do professor Robson Bacerlar. "Robson está ciente da minha necessidade de atuar em três modalidades distintas, por isso, direciona meu treinamento de acordo com as necessidades específicas de cada uma delas. Diferente do que eu imaginava, meu rendimento, tanto no boxe quanto no jiu-jitsu, só melhorou, depois que comecei a treinar judô."

TRÊS MODALIDADES, TRÊS VEZES MAIS EXPOSIÇÃO

"Outra vantagem em atuar em três modalidades diferentes diz respeito à presença de patrocinadores.

Eu ainda não tinha atinado para o fato de que hoje consigo mostrar as marcas que visto dentro de três universos distintos. Depois que a MXA enxergou essa vantagem, uma série de outras marcas de roupa começaram a me procurar. Mas agora minha busca é por alguém interessado em cuidar da minha alimentação.

Uma marca de bike também seria bem vinda, já que passo o dia cruzando a cidade de um treino para o outro em cima da minha", diz Joaquina antes de piscar o olho e se despedir da equipe da Session.

JOAQUINA BONFIM

CONSTANTE COMO O QUE PERMANECE

Acesse: <http://joaquinabonfim.wix.com/joaquinabonfim>